UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES DRAMÁTICAS.

LAURA OLIVEIRA LIMA

MEU BLACK VAI FICAR SOLTO!: O(SEU) RACISMO PASSA PELA (MINHA) CABEÇA.

Porto Alegre
Dezembro 2015

LAURA OLIVEIRA LIMA

MEU BLACK VAI FICAR SOLTO!: O(SEU) RACISMO PASSA PELA (MINHA) CABEÇA.

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Teatro-Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof. Dr. Adriana Jorgge

Porto Alegre

2015

“Tendo um cabelo tão bom, cheio de cacho em movimento, cheio de armação, emaranhado, crespura e bom comportamento, grito bem alto, sim? Rual foi o idiota que concluiu que meu cabelo é ruim? qual foi o otário equivocado que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado? ruim pra quê? ruim pra quem?”
(Emicida)

Dedico este trabalho a todas as meninas e mulheres negras que passaram pelo processo educativo racista em nosso país.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço e dedico este trabalho, primeiramente, a minha mãe, pela constante força, dedicação e apoio a tudo que faço e ás minhas escolha.

Também dedico e agradeço a meus colegas amigos companheiros é irmãs de "Qula a Diferença entre o Charme e o Funk". Obrigada por este encontro, pelos momentos pelas conversas e por me ajudar a descobrir esta joia que estava dentro de mim. Muito obrigada, Bruno Cardoso, Bruno Fernades, Camila Falção, Kyky Rodrigues, Silvana Rodrigues Manuela Miranda,, Thiago Pirajira,Duda Cunha, João Cé, Mari Falcão Celina Alcantra.

Agradeço a imensa paciência, parceria, força estímulo e companheirismo de Everton Mello Rocha. E a ajuda parceria, estimulo e risadas de Michele Zgiet, obrigada por contribuir para que isso acontecesse

Ao esforço e ajuda de Fernanda Rocha e a orientação de Adriana Jorgge.

Agradeço imensamente a todos os lutadores do movimento negro, que lutaram arduamente para que eu pudesse ter o direito de escolher minha profissão e, de alguma maneira, retribui-los com minha luta e trabalho por um pais sem racismo.

Agradeço também a Ogum, Oxalá, meus pretos velhos e todos os orixás que me guiaram nesta caminhada.

MEU BLACK VAI FICAR SOLTO!: O(SEU) RACISMO PASSA PELA (MINHA) CABEÇA.

RESUMO

Através da oficina/performance *o Meu black vai ficar solto* a autora utiliza sua trajetória na construção de mulher negra para a partir da crescente aceitação do cabelo afro para discutir o racismo presente no ambiente escolar.
Para tanto adota-se a predominantemente do memorial associado a questões teóricas do trabalho, buscando dar conta das conexões entre as vivencias coletivas e individuais relacionadas ao racismo, segundo a discrição da oficina performance *Meus blacK vai ficar solto* mostrando a discutição de forma dramática sua trajetória e vivencias com o racismo.

Palavras -chave : Cabelo afro, Racismo na escola, Performance,Educação.

SUMARIO

Resumo.....pg6
Introdução.....pg9
Capitulo1: Onde tem preto na escol a.....pg11
1.1 Onde estou nesta história: a importância da representatividade do negra na escola pg18
Capitulo 2: potencializar a negritude na escola través da oficina/performance *O meu black vai ficar solto*.....pg21
2.2 *Qual a Diferença entre o Charme e o Funk:* meus cabelos e meu black vai ficar solto.....pg 22
Capitulo 3:Descrição do oficina: *O meu black vai ficar solto*.....pg 24
Considerações finais pg34
referencia bibliográfica .....pg 35

INTRODUÇÃO

> Suportar toda aquela dor, literalmente queimar minha carne só para
> fazer com que meus cabelos ficassem parecendo com os de um branco. Eu me juntava à multidão de homens e mulheres negras que sofreram uma lavagem cerebral tão grande até acreditarem que os
> pretos são "inferiores" - e os brancos "superiores".
> (Malcom X)

Desde pequena eu tive uma relação de cuidado com meu cabelo, sendo ele uma das maiores preocupações do meu cotidiano. Apesar de diariamente lidar com os humores de meus cabelos, com o (que viria a ser)o elenco de "Qual a diferença entre o charme funk?"[1] eu não tinha me dado conta do espaço que a questão "cabelo" ocupava em minha vida.

Uma mulher negra nascida nos anos 90 somente com muito esforço acaba entendendo seu cabelo como algo bonito**.** É com ainda maior dificuldade que percebemos o "cabelo afro" como possível empoderamento, já que este cabelo, quando não alisado, era visto como sinal de desleixo, descuido ou falta de higiene. Quando pequena, meu objetivo era ter um cabelo cacheado, de preferência que crescesse para baixo, como o de todas as outras mulheres que eram referenciais de beleza na mídia.

Logo aos 6 anos determinei a mim mesma que queria ter o formato de cabelo que era mostrado pelas poucas negras que apareciam na TV. Logo, coloquei minha cabeça e cabelos em risco utilizando os clássicos "relaxantes capilares" que são, nada menos que um coquetel de produtos químicos extremamente agressivos, tendo em sua grande maioria embalagens com fotos de mulheres negras com cabelos lisos ou quase lisos que correspondem ao ideal de beleza imaginado para as mulheres negras, ou seja, cabelos sem memória étnica.

Utilizei todos estes produtos durante mais ou menos quinze anos da minha vida, e, ao longo deste período, tive quatro episódios de queda parcial e total de cabelo, seis queimaduras químicas (três delas foram de primeiro grau, duas de segundo e uma de terceiro). Muitas vezes tinha queimaduras pelo uso de babyliss, escovas quentes, ferros quentes, etc.

Rotineiramente eu acordava em média duas horas antes para colocar em prática o procedimento de “domesticação”[2] dos meus cabelos, puxando-os e prendendo-os o máximo possível antes de sair para a escola. Por maior que fosse o investimento, nunca ficava

satisfeita com o resultado: eu não sabia como lidar com meus cabelos e não tinha muita informação sobre como fazer isso. Toda a vez que aparecia um produto que poderia ser milagroso eu ia fazer tentativas de alisamento ou relaxamento

Um dos maiores alívios da minha infância e adolescência era soltar meus cabelos quando chegava em casa, e umas das coisas que mais fazia com que eu me sentisse mal era ter meus cabelos repuxados, molhados e presos diariamente. Ir a escola era sinônimo de prender os cabelos e as justificativas que me davam os professores iam do risco dos piolhos até a questão do cabelo "alto demais" para a sala de aula. Obviamente os alunos de cabelos lisos não recebiam as mesmas recomendações. A maioria dos meus apelidos eram referentes ao meu cabelo e, em sua totalidade, me chateavam e deprimiam. Nenhum professor posicionou-se positivamente nesta questão ao longo de toda minha vida escolar.

São inúmeros os casos de mulheres que têm dilemas com seus cabelos, e é comum mulheres negras pensarem que seus cabelos são feios, rebeldes e difíceis de tratar, tendo em vista que a indústria e a sociedade o tempo todo fazem questão de reiterar os cabelos crespos como inadequados. Além disso, são raros os salões especializados em cabelos afro e é muito comum que os cuidados com eles venham de conhecimentos da família transmitidos por oralidade. Por exemplo, é bastante frequente, entre negras, o aprendizado de trançar os cabelos. Porém, também não é raro o desconhecimento de parte de mulheres negras sobre seus cabelos, especialmente quando não querem apenas mantê-los presos. Eu, por exemplo, demorei anos para entender que meus cabelos não podiam ser penteados a seco e que o tipo de hidratação e cuidado é diferente dos indicados nos programas de televisão e revistas direcionados ao público jovem, por exemplo.

Para que uma mulher negra entenda que a sociedade impõe padrões estéticos que a exclui das medidas de beleza, colocando-a no lugar de um ser invisível, que não se reconhece em nenhuma representação de feminilidade, é necessário realizar um intenso processo de identificação que passa, muitas vezes, por "re-conhecimento" dos seus cabelos. Falar de suas origens, ancestralidade e cultura passa por seus cabelos, falar sobre a solidão da mulher negra passa pelos cabelos, a discussão sobre o racismo passa pelos cabelos. Os cabelos "black" carregam consigo a história de opressão do povo negro. Portanto, devemos passar pelos cabelos para falar sobre o racismo, pois o cabelo afro não é somente um símbolo de luta, mas também uma ferramenta para o combate contra o preconceito.

Neste trabalho, irei me utilizar de um memorial de minha história de estudante do ensino fundamental ao médio, relatando experiências que se passaram no ambiente escolar que estão diretamente ligadas a questão racial. Tratarei neste trabalho de forma simbólica para dialogar com o racismo em sala de aula para assim tirar o racismo do logar de invisível na sala de aula

No primeiro capítulo realizo um levantamento e análise dos casos de racismo que sofri na escola, e de casos de que tiveram grande repercussão na mídia brasileira , relacionando-os com estudos sobre o tema e identificando a urgência de abordarmos o assunto na formação universitária dos futuros professores de teatro.

No segundo capítulo inicio falo sobre a concepção e a conceituação da oficina/performance *Meu black vai ficar solto*, tecendo considerações sobre como ela pode contribuir de forma potente para a discussão do racismo em sala de aula, completando a análise com o roteiro e dramaturgia da oficina/performance.

Capitulo 1.
ONDE TEM PRETO NA ESCOLA?

Hoje, no Brasil, os casos de denúncias de racismo multiplicam-se, os casos de racismo na escola aparecem diariamente e cada vez mais se tornam alarmantes e preocupantes. A cada novo caso que surge nos perguntamos: o que estamos fazendo com nossas crianças negras?

Quando eu era pequena, meus cabelos eram cuidados por minha mãe. Lembro que fugia para não ter que prendê-los, até porque na maioria das vezes eles eram penteados a seco. Lembro que seguidamente tinha rabicós e atilhos estourados pela quantidade de vezes que eles eram puxados para prender os cabelos vastos que eu tinha. Naquela época, queria muito poder ter os cabelos soltos, o que muitas vezes não era possível, pois a escola pedia que os mantivessem presos para que evitássemos a proliferação de piolhos.

Tenho muitas lembranças dolorosas da infância, desde cabelos tão presos que os olhos eram puxados, a ofensas que eram diretamente ligadas à minha cor e cabelos. Quando as ofensas direcionadas à minha cor chegavam a mim, achava bastante injusto o julgamento sobre minha pele, mas quando as ofensas eram direcionadas aos meus cabelos, aquilo sempre me machucava e me deixava bastante chateada. Uma das coisas que aprendi na infância foi que crianças podem ser cruéis quando querem, muitas das coisas que escutei na infância jamais seriam ditas por um adulto consciente. É bastante comum professores não terem reações diante dos conflitos raciais que surgem na escola e, em alguns casos, também acabam sendo racistas.

> Ao tratar da questão das diversidades racial e cultural nas creches e na
> educação infantil, torna-se relevante considerar a formação docente que deveria ser o primeiro critério para a seleção das professoras que trabalham na educação infantil (SOUZA, 2010,p.73).

Minha vida escolar iniciou logo cedo, quando tinha três meses: ao fim da licença-Maternidade acabei indo para uma creche. Dessa forma, permaneci lá até o primeiro ano do Ensino Fundamental e de lá tenho muitas recordações.

Muitas vezes quando queria brincar com um grupo de colegas ouvia deles que não poderia, pois eu era preta. Aquilo ativava prontamente meu senso de justiça, que se colocava com um alto e audível: "por que não?". A resposta era um "porque sim!", e logo eu respondia "mas "porque sim" não é resposta". Geralmente os contra-argumentos não adiantavam e eu acabava achando outros colegas para brincar ou ia reclamar para a professora.

Eu era uma menina que, como todas as outras, gostava de princesas da Disney e as venerava. Também, como todas as meninas que viveu os anos noventa, amava e gostaria de ser uma Paquita (dançarina do programa televisivo voltado para o público infantil chamado "Xou da Xuxa"). Como já era bem evidente na época, não existiam Paquitas negras e, além disso, até 2009 não havia nenhuma princesa negra na Disney. Esta é mais uma das coisas que eu, assim como tantas outras meninas negras, sofri na infância: nunca pude ser a princesa ou Paquita, afinal não éramos representadas em nenhum dos casos e, portanto, não poderíamos ser uma delas.

Em sua grande maioria, as creches têm fantasias e adereços relacionados a princesas para que as crianças brinquem de seus personagens favoritos. Aliás, Jasmine, do filme "Aladim", era minha personagem favorita, certamente por ser a mais escura entre as princesas. Um dia, quando brincava com os adereços de princesa, umas das minhas colegas disse que eu não poderia ficar com a coroa que tinha entre os brinquedos, quando perguntei o porquê ela disse que só usava coroa quem tinha "cabelo baixo". Quando ela disse aquilo, engoli em seco e fui chorar em um canto do pátio. Em no textos *O que há de errado comigo?* do blog "Blogueiras Negras" chamado, Viviane Paula descute.

> No Brasil, pode-se perceber que, muitas vezes, os indivíduos buscam incorporar características eurocêntricas que podem ser inatingíveis para grande parte da população. Dessa forma, pode-se notar que o processo de construção da identidade da criança negra pode se tornar uma frustração: um processo de negação de sua raça, de seus traços, de suas texturas e de seu cabelo.
> (PAULA, 2015)

Ouvi de algumas professoras que deveria alisar os cabelos, pois cabelos crespos pegavam piolhos com mais facilidade, ou que deveria ter mais cuidado com os cabelos, estas falas me faziam acreditar que as duas horas diárias que levava molhando, prendendo e esticando não fossem o suficiente. Além disso, também ouvi de algumas professoras que não

deveria dar bola para as ofensas racistas vindas de meus colegas, que muitas delas eram "bobagem", "inveja" ou "brincadeira". Quando fazia os desenhos de meus familiares e procurava representá-los com a cor condizente à realidade, sugeriam que eu deveria pintá-los de outra cor, a famosa "cor de pele".

> Com o cor-de-pele, sugerimos às crianças, desde cedo, qual a cor certa para a pele das pessoas. Azar o delas se não forem rosadinhas. Pelo menos, assim, já começam desde a creche a entender o seu lugar. (PIRES,2013)

Na escola, os casos se repetem a cada dia e cada vez mais se tornam absurdos. Uma pesquisa realizada pela Fundação Institucional de Pesquisas Econômicas (Fipe) em 2009 mostrou que o preconceito étnico-racial é o segundo mais forte nas escolas brasileiras, estando somente atrás dos preconceitos por questão física, como obesidade. Os casos que apontarei a seguir além de acrescentarem números de ocorrências condizentes com a pesquisa, tiveram grande repercussão na mídia e redes sociais.

Uma escola do interior de São Paulo enviou um bilhete aos pais recomendando que a caracterização das meninas em um evento escolar passasse pelo uso do "cabelo liso". Levando em consideração que muito improvavelmente TODAS as meninas envolvidas tivessem os cabelos naturalmente lisos, a "recomendação" - que interfere na aparência dos cabelos das crianças- induz ao uso precoce de procedimentos como "escova" e até de produtos químicos. Como se isso não fosse suficientemente agressivo, o referencial de beleza indicado por uma foto eram os cabelos lisos de uma personagem racista, a Maria Joaquina, da novela infantil "Carrossel".

Senhores pais,

Para que a nossa apresentação fique ainda mais bonita, conto com a sua colaboração enviando o seu (a) filho (a) no dia da nossa apresentação de natal 03/12 com o seguinte penteado:

MENINAS:

CABELO LISO SOLTO

OBS.: sem a tiara

fonte internet

Bilhete enviado pela escola

Também houve o caso de Lorena, menina de 12 anos, que recebeu vários ataques racistas dos colegas. A escola, neste caso, não ignorou o problema: posicionou-se dizendo que "a turma não adaptou-se a ela". A escola optou apenas por transferir a aluna de turma para cessar o problema. Não bastando, a escola pediu que Lorena pedisse desculpas para os colegas de aula após uma acareação proposta pela diretora. Após isso, Lorena enviou à mãe os xingamentos que recebia por whatsapp dos colegas de aula. Segundo a mãe de Lorena, todas as mensagens de áudio vinham de grupos de colegas da escola que se comunicavam através

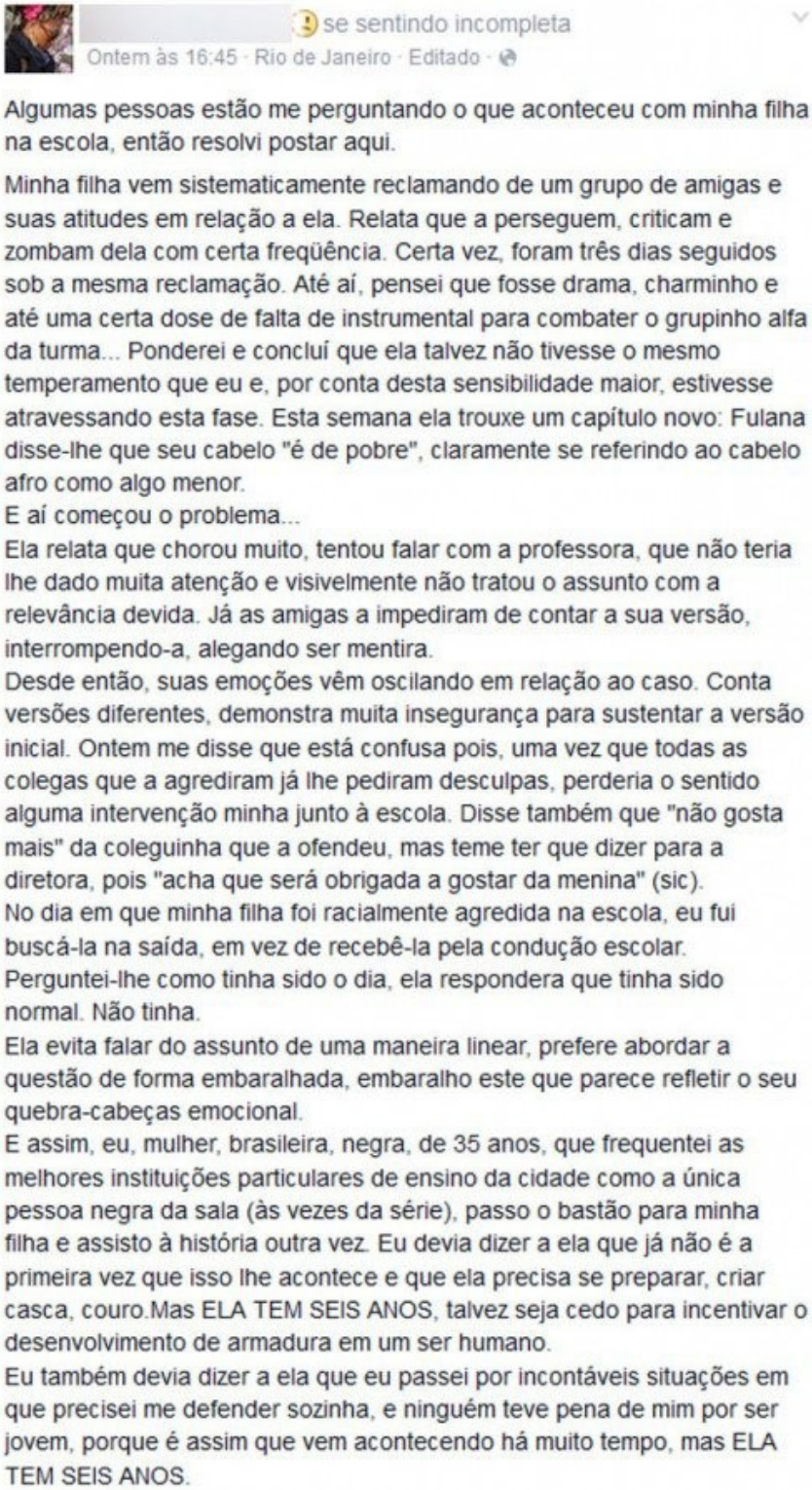
do aplicativo. Lorena recebeu xingamentos como: "sua preta, testa de bate bife do cara******!", "eu sou racista mesmo, quando eu quero ser racista eu sou racista, entendeu?","toda vez que eu encontrar ela na minha frente eu vou zuar até ela chorar","você vai ficar neste grupo até você chorar","cabelo de movediça, cabelo de miojo, cabelo de macarrão" dentre outros.

A carta escrita pela mãe de Lorena foi compartilhada por 74 mil pessoas. Após ler a carta da mãe de Lorena, um sociólogo entrou em contato oferecendo um treinamento para o corpo docente da escola sobre as medidas socioeducativas a serem tomadas. Em um primeiro momento a escola aceitou, mas logo após voltou atrás.

Uma menina de cinco anos- também chamada Lorena- sentiu o racismo desde antes de completar quatro anos. Ao chegar em casa a mãe, Gabriela Gaabe, ouviu de Lorena que queria ser branca. Tentando compreender o que estava acontecendo, Gabriela ouviu da filha que seus colegas de sala haviam lhe dito que " sua cor é de gente suja e que seu cabelo é de ninho de bicho". Ao relatar para direção da escola o ocorrido recebeu como resposta da diretora que "não era coisa da escola" e que ela duvidava que as crianças estavam falando aquilo e que "isso" (racismo) poderia vir de dentro de casa.

Dois casos qu tiveram grande repercussão nas mídias sendo um no *youtub* e outro no *facebook.*

O caso de Kauan Alvarenga, com apenas 11 anos, após sofrer perseguição racial na escola fez um vídeo de desabafo que já obteve mais de 41. 500 visualizações no Youtube. E no *facebook foi o caso de* Andressa Cabral, de 35 anos, mãe da menina Valentina, escreveu uma carta de desabafo do racismo sofrido pela filha de 6 anos, na escola onde ela estudava há 5 anos. A carta de Andressa teve 1,3 mil compartilhamentos, e nela a mãe fala sobre as reclamações que a filha fez em relação aos colegas que a maltratavam. Após reclamação dos pais de Valentina, a escola entrou em contato com a mãe, mas não tomou nenhuma atitude sobre o caso. Sabe-se que os pais de alguns colegas tomaram uma atitude no sentido de pedir desculpas à menina e recriminar as atitudes racistas dos filhos.



se sentindo incompleta

Ontem às 16:45 · Rio de Janeiro · Editado ·

Algumas pessoas estão me perguntando o que aconteceu com minha filha na escola, então resolvi postar aqui.

Minha filha vem sistematicamente reclamando de um grupo de amigas e suas atitudes em relação a ela. Relata que a perseguem, criticam e zombam dela com certa freqüência. Certa vez, foram três dias seguidos sob a mesma reclamação. Até aí, pensei que fosse drama, charminho e até uma certa dose de falta de instrumental para combater o grupinho alfa da turma... Ponderei e concluí que ela talvez não tivesse o mesmo temperamento que eu e, por conta desta sensibilidade maior, estivesse atravessando esta fase. Esta semana ela trouxe um capítulo novo: Fulana disse-lhe que seu cabelo "é de pobre", claramente se referindo ao cabelo afro como algo menor.

E aí começou o problema...

Ela relata que chorou muito, tentou falar com a professora, que não teria lhe dado muita atenção e visivelmente não tratou o assunto com a relevância devida. Já as amigas a impediram de contar a sua versão, interrompendo-a, alegando ser mentira.

Desde então, suas emoções vêm oscilando em relação ao caso. Conta versões diferentes, demonstra muita insegurança para sustentar a versão inicial. Ontem me disse que está confusa pois, uma vez que todas as colegas que a agrediram já lhe pediram desculpas, perderia o sentido alguma intervenção minha junto à escola. Disse também que "não gosta mais" da coleguinha que a ofendeu, mas teme ter que dizer para a diretora, pois "acha que será obrigada a gostar da menina" (sic).

No dia em que minha filha foi racialmente agredida na escola, eu fui buscá-la na saída, em vez de recebê-la pela condução escolar. Perguntei-lhe como tinha sido o dia, ela respondera que tinha sido normal. Não tinha.

Ela evita falar do assunto de uma maneira linear, prefere abordar a questão de forma embaralhada, embaralho este que parece refletir o seu quebra-cabeças emocional.

E assim, eu, mulher, brasileira, negra, de 35 anos, que frequentei as melhores instituições particulares de ensino da cidade como a única pessoa negra da sala (às vezes da série), passo o bastão para minha filha e assisto à história outra vez. Eu devia dizer a ela que já não é a primeira vez que isso lhe acontece e que ela precisa se preparar, criar casca, couro.Mas ELA TEM SEIS ANOS, talvez seja cedo para incentivar o desenvolvimento de armadura em um ser humano.

Eu também devia dizer a ela que eu passei por incontáveis situações em que precisei me defender sozinha, e ninguém teve pena de mim por ser jovem, porque é assim que vem acontecendo há muito tempo, mas ELA TEM SEIS ANOS.

Postagem de Andressa Cabral, mãe da menina Valentina no facebook

Os casos anteriores são diretamente ligados a crianças em idade escolar demonstram o racismo sofrido na infância que traz grandes impactos psicológicos e sociais na vida adulta destas crianças. A pesquisadora Yvone Souza diz em seu texto:

> No cotidiano das instituições de Educação Infantil, frequentemente o professor se depara com uma série de evidências sobre as questões raciais e o preconceito, tendo ou não clareza delas, muitas vezes utilizando práticas pertencentes ao senso comum que podem reforçar o racismo. (SOUZA, 2010, p. 77)

Yvone Souza demostra que boa parte dos acontecimento apontados a cima têm, em grande parte, relação com a formação de professores, que muitas vezes por não terem abarcado em sua formação as questões da diversidade na escola.

Em um relatório de 2010 realizado pela UNICEF- Brasil para a campanha *"Por uma infância sem racismo"* mostra que:

> Essas crianças e adolescentes ainda vivem em contextos de desigualdades. São vítimas do racismo nas escolas, nas ruas, nos hospitais ou aldeias e, às vezes, dentro de suas famílias. Deparam-se constantemente com situações de discriminação, de preconceito ou segregação. Uma simples palavra, um gesto ou um olhar menos atencioso pode gerar um sentimento de inferioridade, em que a criança tende, de forma inconsciente ou não, a desvalorizar e negar suas
> tradições, sua identidade e costumes (UNICEF, 2010,
> p. 2)

1.2 Onde eu estou nesta história: A importância da representatividade negra na escola.

> *Uma etapa fundamental deste processo civilizatório é a construção de um imaginário positivo habitado por personagens negros. Fica difícil às crianças negras crescer com autoestima lendo livros, gibis, vendo filmes, programas de tevê e anúncios publicitários em que o padrão de beleza e virtude é branco, onde negros só fazem papel de escravos, empregados domésticos, bandidos, excluídos ou famintos*.
> (JorgeFurtado, 2015)

O negro, quando representado na História, aparece como mais um indigente sem passado, sem sobre nome, registro identidade, sem irmão, sem ancestralidade. Os poucos capítulos destinados, na escola, à população negra brasileira tratam apenas de escravos que foram trazidos da África e rebaixados, perseguidos e mortos por brancos. É como se a história dos negros tivesse começo e fim com a escravidão, o que, sabemos, não corresponde à realidade.

Para tentar reparar a repetição de equívocos desta ordem, surgiu uma lei específica. A lei 10.693, que torna obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de nível primário e médio, encontra barreiras diárias para a sua execução. Isto ocorre, em parte, pelo despreparo de professores que não têm em sua formação disciplinas obrigatórias que tenham em seu conteúdo História da África ou Cultura Afro-Brasileira. Mesmo que a lei 10.639 tenha entrado em vigor no dia 9 de janeiro de 2003, há doze anos atrás, os currículos voltados às disciplinas que deveriam ter foco no estudo não reformularam seus currículos para preparar professores.

O parágrafo segundo da lei diz:

> §2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (Lei 10.693)

Eu, como muitos colegas, estudantes , não tive o

conteúdo de cultura Afro-Brasileira nem sobre forma de disciplina nem em transversalidade

nem como obrigatória Entendo que a falta do conteúdo tem reflexos não só em meu trabalho como profissional, mas também no trabalho como tambem na dificil construção de minha identidade como mulher negra.

Yandra Firmo na obra *Um dia isso acaba, não acaba?,* na qual aborda o racismo a partir do psicodrama, afirma:

> Sendo a escola um agente socializante, acredito que a instituição, hoje, é reprodutora de ideias racistas e que fortemente pratica ações de discriminação e preconceito racial, os quais dominam o imaginário de possíveis cores para o ser humano, impossibilitando o aluno de se reconhecer como pertencente a um grupo racial. (FIRMO, 2011, p. 22)

Um aluno que não se sente representado em um ambiente que tem por intuito também a socialização, não compreende sua ancestralidade, traços e raça com sendo bons ou "aceitáveis" para aquele grupo e acaba por anular-se, tanto social quanto identitariamente. O negro que estuda na escola embranquecida que não cita a sua cultura acaba também por embranquecer-se e por negar a sua ancestralidade.

Por "branqueamento" refiro-me, não apenas a processos de efeitos físicos como alisar o cabelo ou desejar ser "menos escuro", mas, como um conjunto de normas e valores mais desejáveis que a negritude, como aponta Piza em trecho referido por FIRMO:

> Um conjunto de normas, atitudes e valores brancos que a pessoa negra, e/ou o seu mais próximo, incorpora, visando atender à demanda concreta e simbólica de assemelhar-se a um modelo branco e a partir dele construir uma identidade racial positivada'. (PIZA *apud* FIRMO, 2011, p. 21)

Entendo que então ainda há a necessidade de que a cultura Afro-brasileira, a história afro-brasileira, a história do negro no Brasil deva cada vez mais ser apontada e trazida às escolas e universidades brasileiras a fim de que valorizar o negro e de criar bagagem ao estudante que está em período de formação.

CAPÍTULO 2:
Potencializar a negritude na escola através da oficina/ performance "*O meu black vai ficar solto"*

Quando iniciei este trabalho de conclusão de curso e pensei na elaboração da oficina performance *O meu black vai ficar solto! ,* pretendia realizar um trabalho que tratasse de forma sensível a discussão do racismo em sala de aula. Entendendo que o debate pode se dar, também, de forma sensível em sala de aula.

Com o passar do tempo cheguei à conclusão que o direcionamento desta oficina deveria se dar para um público escolar como um todo, passando por alunos, professores, funcionários, pais e comunidade em torno da escola.

Entendendo que, infelizmente, apenas na Semana da Consciência negra a questão do racismo e da identidade negra é introduzida na escola, enquanto alunos, professores e funcionários negros todos os dias circulam em ambiente escolar, parece haver uma discrepância entre representação e realidade. Negros aparecem no conteúdo escolar apenas no papel de escravo submissos, em raros casos algumas figuras históricas - como Zumbi dos Palmares e João Cândido- são citados na escola ao longo do ano.

> Crianças, adolescentes e jovens, negros e negras, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável ao seu sucesso, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar um novo olhar de contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos, garantindo respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar para os/as estudantes. (TRINDADE, 2006, p. 69)

Entendendo que a lei 10.639 vem como uma ação reparadora neste sentido, trazendo a atualização de debates acerca da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na escola, proponho esta oficina chamada *Meu black vai ficar solto!* como mais uma ferramenta para a

construção de uma escola mais múltipla e menos racista.

Esta Oficina/Performance tem por intuito estar na escola não apenas em datas comemorativas, ela pretende repercutir na escola diariamente, mesmo que à distância, gerando a discussão do racismo na comunidade escolar, através da potência da arte.

Centrando no cabelo black como símbolo de resistência, trazendo à tona a experiência de acompanhar de perto as históricas aparentemente comuns e cotidianas relacionadas com a tentativa de domesticação e embranquecimento do cabelo de uma mulher negra, o trabalho propõe dar rosto e textura para uma questão que não é passado, mas presente: o racismo velado. A ideia é permitir que o racismo seja debatido e observado diariamente no ambiente escolar a partir desta ação, encaminhando o empoderamento do público negro presente.

2.2 O "Qual a diferença entre o charme e o funk" : meus cabelos e meu Black ficando solto.

Quando ingressei no Departamento de Artes Dramáticas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em dois mil e onze, encontrei alguns irmãos negros e a vontade de nos unirmos para fazer teatros juntos.

Anos depois, em maio 2014, durante as comemorações do aniversário de minha amiga Silvana Rodrigues, na Praça da Matriz, nós, oito amigos negros, decidimos que aquele seria o ano que realizaríamos nosso desejo de sermos atores negros fazendo teatro e contracenando juntos. Entre conversas, risadas, uma pequena aula de passinhos e o nosso desejo de falar de nós mesmos, surgiu o *Qual a diferença entre o charme e o funk,* espetáculo que teve sua estreia em dezoito de dezembro do mesmo ano, com Camila Falcão, Bruno Cardoso, Bruno Fernandes, Kyky Rodrigues, Manuela Miranda, Silvana Rodrigues e Laura Lima, com direção de Thiago Pirajira e orientação de Celina Alcantra.

A única coisa que sabíamos é que queríamos falar de nós e sobre como é ser um jovem negro no Brasil e que queríamos utilizar o nome extraído do popular *Rap da diferença,* de MC Dolores e Marquinhos. No processo de criação utilizamos histórias pessoais, construindo uma "arqueologia pessoal" para o espetáculo. Durante os trabalhos de "escavação" de nossas memórias, acabei focando na questão dos cabelos. No processo de criação nos foi proposto por Thiago Pirajira que criássemos rituais baseados em alguma passagem importante de nossas vidas e, deste exercício cênico, surgiu a performance *Ritual capilar,* onde mostro o

ritual diário relacionado com a arrumação dos meus cabelos.

imagens da performance ritual capilar.

Fotos: André Olmos

Minhas palavras sobre o ritual, presentes no relatório de estágio de Atuação I, de Camila Falcão:

> O ritual "Cabelos" fala sobre o ato de pentear-se para uma mulher negra. O tempo dedicado para se enquadrar no padrão social: cabelos baixos sem volume e retos.
> O alisar com os mais variados métodos para se chegar ao ideal de beleza "branco". Os cabelos elevados e resistentes se veem em disputa com o ferro de passar, ferramenta que aquece e estica os cachos que se elevam e resistem após 100 passadas. Ainda são puxados e torcidos por escovas chapinhas e secadores. Após a persistente resistência ele se rende a sua sina de moldar- se parte a parte em um movimento constante do jorrar da água e da imposição de peso do creme de cabelo, que acompanhado de produtos alimentícios vem com a tentativa de doma da rebeldia capilar o cabelo após puxado e repuxado é preso aos padrões estéticos sociais. Por fim a liberdade capilar acaba dizendo que o cabelo resiste a gravidade que lhe é imposta! (FALCÃO,2014, p.8)

Após minha primeira performance no espetáculo, engrenei em uma pesquisa pessoal sobre o tema até o surgimento da oficina *O meu black vai ficar solto.*

2.3 DESCRIÇÃO DA OFICINA "Meu black vai ficar solto!"

Levando em consideração que grande parte dos casos de racismo que sofri provém de minha vida escolar, criei esta Oficina/Performance com o intuito de comunicar, informar e contribuir para o fim do racismo na escola. Entendo que este trabalho é um multiplicador para a discussão do racismo na escola, contribuindo, de alguma maneira para a formação de professores, para que se tornem conscientes da necessidade de agir ativamente em prol de desenvolverem uma conduta antirracista na escola,

Entendo, no entanto, que deixar este trabalho apenas para os alunos que fossem atingidos por mim em algum momento de suas vidas seria um equívoco de minha parte em minha luta diária contra o racismo. Portanto, pretendo futuramente desenvolvê-la e apresentá-la em escolas da rede pública e privadas de ensino.

Segue-se a descrição da primeira versão desta Oficina/Performance, executada na sala 9 no Departamento de Arte Dramática DAD, dia 30 de setembro de 2015, para um público de 7 pessoas, composto por professores e estudantes (professores de teatro em formação).

Sala de aula. Cadeiras dispostas em forma de círculo, uma cadeira giratória destaca-se na base desta proposta de roda. Diante da cadeira giratória encontra-se um banco alto fazendo as vezes de mesa, e, sobre ele, uma caixa com estampa florida. Do lado de fora da sala, o público aguarda diante da porta fechada. Abro a porta. Peço que a primeira pessoa se aproxime. Ao realizar um contato visual profundo com esta pessoa, inicio o trabalho com uma pergunta.:

Laura - Posso tocar nos teus cabelos?

Diante da resposta afirmativa, toco em seus cabelos, primeiro de maneira delicada e depois colocando meus dedos entre eles, levando-os até o couro cabeludo, movimentando os dedos lentamente, em círculos, como em uma massagem. Todos recebem a pergunta e o toque. O intuito da ação é causar no público que participará da oficina um acolhimento

aparentemente confortável, mas que possa levar a certo desconforto seja pela duração, pela intensidade, pela invasão. Por isso, a postura da performer deve ser de quem está no controle da situação, decidindo a intensidade e duração de cada contato. O toque é como um rastreamento da natureza de cada pessoa e de cada cabelo. Caso alguém se recuse, a pessoa é convidada a aguardar o fim do procedimento, observando as outras pessoas. Após passar pelo pequeno ritual de contato, cada um entra na sala, sentando em um lugar no círculo de cadeiras. Depois de acariciar o cabelo de todos fecho a porta e direciono-me à cadeira giratória. Sentada, coloco a caixa que está sobre o banco sobre os joelhos.

Laura - Meu nome é Laura Oliveira Lima, tenho 25 anos, nascida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sou filha de Lenira dos Santos de Oliveira, negra, nascida em 1957 em Porto Alegre no bairro IAPI e de Júlio César da Silva Lima, negro, também nascido em Porto Alegre, no ano de 1957, no Morro da Cruz. Eles não são casados há algum tempo e atualmente moro com minha mãe. Sou estudante quase formada em Artes Dramáticas na UFRGS, coisa não muito comum entre gente preta como eu- nem ser formada em Artes, nem ser aluna da UFRGS. Entrei por cotas. Sou a primeira artista da minha família, por livre escolha. Mas o que me define são coisas bem mais cotidianas. Sou uma pessoa como muitas. Gosto de beber, comer, ver televisão, fazer trabalhos manuais e caminhar. Também tenho prazer por pequenas coisas que para muitos são banais, como abrir embalagens plásticas de livros, maquiagens, fones de ouvido e etc. Também existem coisas das quais eu não gosto, como a grande maioria dos miúdos, gente chata, e aparelhos eletrônicos muito avançados, áudios pelo *whats app.* E realmente ODEIO *(enfático)* que toquem no meu cabelo sem a minha permissão.

Então abro a caixa que está sobre o banco e pego um espelho circular de borda laranja. Coloco-me de costas para a roda e inicio o texto olhando para as pessoas da roda através do espelho.

Eu aos 2 anos me olhando no espelho

Neste momento abro a caixa que está sobre o banco e pego alguns grampos, uma chiquinha e um pente. Enquanto o texto segue, começo a mexer no cabelo.

Laura - Outra atividade que tenho gostado de fazer é descobrir penteados e acessórios para meus cabelos. Às vezes passo horas pesquisando vídeos de penteados e técnicas de amarração de turbantes. Quando era pequena, meu cabelo era cuidado por minha mãe, lembro que fugia para não ter que prender os cabelos que, na maioria das vezes eram penteados a seco, lembro que seguidamente tinha rabicós e atilhos estourados pela quantidade de vezes que eles eram puxados para prender os cabelos vastos que tinha. Queria muito poder ter os cabelos soltos, o que muitas vezes não era possível por parte dos da escola para que evitássemos piolhos. Penso que se existissem todos estes sites e vídeos sobre cabelo afro nos anos 80, a minha infância seria bem diferente. Tem um texto que eu falo no espetáculo *Qual a diferença entre o charme e o funk,* que não é audível propositalmente, onde eu digo: "eu mantinha o meu cabelo hermeticamente amarrado dia e noite." Meu cabelo e eu não tínhamos vontade própria, seguíamos uma vontade externa a nós, que dizia que cabelos como o meu deveriam ser mantidos amarrados, baixos e presos em uma cela de elástico colorido.

Agora começo a fazer um coque bem preso nos cabelos.

Minha infancia com os cabelos presos

Laura - Tenho um amigo que quando viu uma foto minha com os cabelos amarrados disse que o meu rosto ficou totalmente diferente, que eu parecia muito deprimida. Eu sempre me acordava duas antes do horário que sairia para o colégio para poder prender os cabelos. Eu fiz isso durante mais ou menos uns 15 anos, isso dá por volta de 10.950 horas da minha vida em função de prender o meu cabelo.

Enquanto este texto é falado, vou soltando os cabelos que estavam presos e faço o penteado como o da foto a seguir:

Laura - Quando eu tinha mais ou menos 7 anos queria muito um cabelo como o das minhas colegas de escola, cabelos que eu pudesse manter soltos e que os outros não falassem deles de forma racista negativa, dizendo que eram cheios demais, grandes demais, altos demais, crespos demais. Quando criança me sentia muito diferente e distante dos demais por causa dos meus cabelos, não via possibilidade de fazer penteados como os de minhas colegas, de ser parecida com as Paquitas ou princesas da Disney. Eu fui uma criança nascida no início dos anos 90 e a febre entre as meninas eram as Paquitas e princesas da Disney, quase todas nós queríamos nos encaixar ao padrão estabelecido por elas. Assim, eu fui uma das meninas que entrou na onda dos relaxantes *capilares.*

Do cabelo preso passei ao cabelo alisado. Os relaxantes capilares, em sua grande maioria têm em sua composição hidróxido de sódio (soda cáustica), tioglicolato de amônia, hidróxido de guanidina, carbocisteína, ácido glixílico e formol. Todos eles têm como função penetrar e modificar a estrutura do fio de cabelo, todos estes componentes são como ácidos corrosivos, e diversos estudos médicos apontam que estas substâncias podem causar diversos problemas de saúde em adultos e não recomendam o uso deste tipo de produtos em crianças. Mas o mercado insiste em vender "versões infantis" de relaxantes capilares, muitas vezes dizendo que são "mais suaves"- mas têm em sua fórmula os mesmos componentes que as versões para adultos. Aliás, boa parte dos alisantes capilares têm uma versão kids e tinham suas propagandas e embalagens voltadas para o público infantil.

Mostro caixas de produtos alisantes infantis, com imagens de crianças na embalagem.

Produtos para alisamento infantil, a baixo minha foto com 10 anos. FOTOS internet e arquivo pessoal

Laura- Durante os 10 anos que utilizei os relaxantes capilares, tive ao todo 7 queimaduras químicas, sendo três de primeiro grau, duas de segundo e uma de terceiro grau. Muitas de nós, mulheres negras nos submetemos a "tratamentos" perigosos para nos encaixarmos em padrões estéticos brancos, padrões estes que nunca poderão ser definitivamente alcançados. A representação do que seria uma "bela negra" está na ação dos produtos que prometem reduzir o *frizz*, domar os cabelos, fazer hidratações intensivas, reparação de fios, etc. As embalagens de produtos para relaxamento e alisamento voltados para mulheres negras não ficam muito longe de uma padronização embranquecida de beleza

negra.

Nos negras ouvimos muitas destas frases durante nossa trajetória, em um primeiro momento as ouvimos sem compreender muito o porque, no segundo momento nos revoltamos, em um terceiro momento de nossas vidas as respondemos mas, como passar dos anos tendenciamos a apenas sentir um retorcer no estomago e uma forte náusea.

Laura- Agora faço um convite a vocês. Dentro deste saco tenho frases que ouvi em diversas fases da minha vida, elas marcaram muito minha trajetória.

As frases que estão neste saco de papel constituem o que chamo de "saco de vômito". Convido vocês a lerem a frase que retirarem em voz alta e também e se colocarem no lugar de ouvintes. É possível que para alguns de vocês não compreendam o peso de algumas destas frases e há uma explicação lógica para tal, uma pessoa branca nunca irá entender a proporção de quando uma pessoa é rebaixada, impedida ou tem sua capacidade questionada por seus cabelos e sua cor de pele.

Após pego uma pequeno saco de papel de dentro da caixa florida.

Frases que estão no saco:

"Não tenho preconceito, eu tinha um amigo negro na infância que até comia na minha casa","Eu não sou racista, até tenho amigas negras.","Você acha que tem preconceito contra negro no Brasil?","Como você fez pro seu cabelo ficar assim?","Sempre quis saber como é uma negra na cama.","Você já pensou em ser passista de escola de samba?","Você é um negro bonito, não tem os traços tão fortes, sabe?","Mas ele é um negro de alma branca!","Que cor negra interessante você tem!","Preto tem mania de perseguição.","Seus pais também são negros?","Eu não sou racista, tinha uma funcionária/empregada negra em casa, todos adoravam ela é uma fofa.","Tinha que ser branco!","Você não tem cara de quem estuda na UFRGS.","Eu até já peguei uma negrinha.","Você deve gostar de branco. Né, negrona?","Não sou tuas nega!","Apesar de ser preto ele é gente boa!","Ah, seu cabelo tá grande, dá pra fazer uns dreads.","Ah, mas por que você não corta o cabelo bem curtinho?","Teu cabelo só se resolve com progressiva.","Teu cabelo só fica assim pra cima?","Não deve dar pra pentear, né?","Tu

lava o cabelo?","Mas você é mais moreninha, né?" "Você trabalha aqui?... Ah! Desculpe, pensei que era empregado","Mas você não sofre racismo. Já te chamaram de macaca essa semana?","Por que você não penteia o cabelo?","Mas tu ia te dar bem lá pra fora

trabalhando de mulata.","Você tem sorte de ser negro, nem precisa estudar para passar no vestibular.","Mas existe maquiagem pra o teu tipo de pele.","Negra não pode usar batom colorido.","Você tem que ser 10x melhor que os outros.","Como assim você não sabe samba?","O que você passa no seu cabelo? É creme?","Nossa, como eu queria ter uma pele morena como a sua...","Tu faz trabalho? Tipo macumba?","Mas como uma negra dessa tá com esse cara? Ele deve ter dinheiro...","Até que seu cabelo não é tão ruim.","Nossa, o teu cabelo não é duro.","Você não é negra, tu é moreninha.","Falo 'morena' porque se falar negra vocês se ofendem.","Tu sendo negra tem bastante dificuldade de fazer teatro infantil.","O que? Tu faz teatro?","Você deve saber os sambas todos.","Você deve saber de rap, né?","Você dança ballet.","Como você lava o cabelo?","Você vai alisar o cabelo pra se formar, né?","Não dá pra usar chapéu, né?","Somos todos iguais.","Acho que cotas segregam as pessoas.","Existe racismo ao contrário.","Por que você não penteia o cabelo?","Tu tem que estudar bastante porque tu és cotista e tem bolsa.","Nossa, como tu é parecida com a Thais Araújo!","Vocês negras são todas parecidas.","Dá pra pintar teu cabelo?","Você se bronzeia?" "Pena que não nasci bronzeada como você..." ,"Você tem namorado?","Você deve ter o vozeirão das cantoras americanas, né?","Se ele disse que tu tem cor de cocô, diz que ele tem cor de xixi." "Tu deve ganhar bastante fazendo faxina." "Você dá aula?" "Não dá bola pra ele, ele que é feio." "Tu não tem algum problema de desenvolvimento psicológico que não descobriram no SUS?" "Tu não pode ser princesa, princesa tem cabelo liso." "Acho que vocês negros deveriam ser mais humildes." "Você deve conseguir poucos trabalho como atriz, né?" "Você deve fazer só papel de escrava como atriz." "Você não deve se importar muito com o
teu cabelo, né? "Tendo o cabelo assim deve ter piolho."

Depois das leituras dos papéis, retorno ao texto.

Laura- Na creche em que eu estudava, tinha um bau cheia de roupas de princesas para que nos brincássemos. Um dia, na hora do recreio, fui até o bau para pegar alguma fantasia. Quando peguei uma coroa, prontamente ouvi de uma colega: "tu não pode usar uma coroa" e perguntei "mas por que não ?" e ela me respondeu "é porque tu tem cabelo baixo". Na quele

momento me senti um lixo e fui chorar em um canto do pátio.

Anos depois, conheci a técnica do turbante e seus usos na história, que ele era usado para a proteção contra o sol mas também como adereço estético e como coroa entre muitos povos africanos.

Durante a fala do texto pego um tecido e começo a fazer um turbante.

Laura- Um dia parei para pensar que o turbante é a coroa das rainhas africanas, mas também minha coroa, ao contrário daquela coroa que sempre foi negada a pessoas como eu.

Chamo uma pessoa negra que esteja na plateia para sentar-se a minha frente. Caso não haja pessoa negra na plateia o procedimento não acontece.

Com a pessoa sentada em minha frente, peço que escolha um dos tecidos para que eu faça um turbante. Após a escolha, pergunto se posso fazer um turbante nela. Vinda a resposta positiva, começo a enrolar o cabelo da pessoa com o tecido, construindo um turbante. Com a finalização do turbante dou um espelho para que a pessoa se olhe.

Após pedir para que retorne ao seu lugar retomo o texto.

Laura- Depois de ter tomado consciência de tudo que eu passei, me coloquei no lugar de combatente. Minha postura como artista, professora, mulher e pessoa é a de combate diário do racismo. Quero ser uma referência positiva para as meninas que, como eu, sofreram e sofrem com o racismo. A minha recusa a papeis excludentes e estereotipados é uma luta. Minha resposta ao assédio, ao rebaixamento ou à exclusão é uma luta. Me vestir com identidade e personalidade é uma luta. Não seguir padrões estéticos também é uma luta. Eu ter entrado na academia e ter escrito um trabalho final sobre meu sofrimento com o racismo também é uma luta. Transformar o sofrimento em arma de combate contra a sociedade machista e racista é a minha luta.

Considerações finais

Através de uma metáfora - o racismo que passa pela cabeça- materializada na imagem dos cabelos afro em seu estado natural, demonstrei, através da Oficina/ Performance *Meu black vai ficar solto !,* uma maneira artística poética de se discutir o racismo na comunidade escolar como um todo. Utilizo minha história pessoal como maneira de discutir cenicamente o racismo sofrido em meu período escolar, ainda hoje presente na escola como um todo. A partir do relato e da partitura da Oficina/ Performance, comentando sua concepção, encerro o trabalho não apenas fazendo considerações sobre o racismo velado, a busca identitária negra e a necessidade de empoderamento: proponho também uma ferramenta de denúncia do racismo institucional e de desacomodação para os futuros docentes.

No decorrer de minha pesquisa percebi que minha trajetória pessoal refletia acontecimentos corriqueiros na vida de milhares de outras pessoas negras que passaram pelas escolas brasileiras, repetindo uma formação que exclui o negro da história e o coloca no lugar de invisibilidadel, sem história ou ancestralidade. Também, através de casos de racismo na escola, que foram reconhecidos na mídia, demonstrando como são próximos e relacionados entre si, busquei evidenciar o despreparo dos diretores, professores e funcionários em relação ao assunto, quase sempre minimizando o ocorrido, especialmente quando na esfera do xingamento velado relacionado a questões estéticas como cabelo e marcas fenotípicas da negritude. Desta maneira estabelecemos o questionamento: como a trajetória escolar influencia a construção psicológica e identitária da criança negra, promovendo o silenciamento quanto às suas origens e reiterando o racismo.

Ao final deste trabalho creio que foi possível problematizar a execução da lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, já que torna, ao mesmo tempo em que vemos tornar-se obrigatório o ensino de Historia da África e cultura afro- brasileira na rede básica de ensino, percebemos que a educação eurocêntrica permanece nas escolas de rede pública, privada e de ensino superior. E que por isso a aplicação da lei anda a curtos passos e encontrando dificuldades em seu caminho para a aplicação.

Tenho consciência de que este é o início de um estudo que ainda pode aprofundar-se em uma pesquisa posterior, devido à urgência e a pertinência do debate sobre mecanismos de desarticulação do racismo em ambiente escolar. Enquanto o impacto social das medidas

legais ainda não se consolidaram, as iniciativas individuais como a concepção da Oficina/Performance *Meu black vai ficar solto,* entre tantas outras desenvolvidas por educadores conscientes de sua influência, busca-se dar conta da reflexão necessária no combate a práticas racistas, utilizando teorias e práticas necessárias para que se de o empoderamento das pessoas negras dentro da escola.

Bibliografia:

FIRMO, Yandra de Oliveira. **Um dia isso acaba, não acaba?** Relatos de uma experiência psicodramática contra o racismo. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

LEI n°10.639, de 9 de janeiro de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial de rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira e indígena".

OLIVEIRA, Raquel. **Reflexões sobre a experiência de alteração curricular em São Paulo**. Cadernos de Pesquisa. Nov. 63. São Paulo: Cortez, 1987.

PAULA, Viviane. **O que há de errado comigo?** A formação da identidade da criança negra nas escolas.
Disponível em:http://blogueirasnegras.org/2015/02/19/o-que-ha-de-errado comigo-a-formacao-da-identidade-da-crianca-negra-nas-escolas (acessado dia 11 de agosto 2015)

PIRES,Zaira: **Do 'cor de pele' ao nude'** (ou o mundo que queremos ser). Disponível em :http://blogueirasnegras.org/2013/07/03/do-cor-de-pele-ao-nude/ acessado em 10/10/1015

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto da. Ensino Fundamental. *In* Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, Silvia Karla B. M. M. dos. **O que é ser negro no Brasil?** - Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. *In* Cadernos Imbodeiro. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

FALÇÃO, Camila. Qual a diferença entre charme e o funk? Relatório de estagio 1 apresentado na UFRGS.

UNICEF. Impactos do racismo na infância, Brasilha 2010. disponíveis em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_folderraci.pdf acessado em:10/12